



O PRECONCEITO SOCIAL E LINGUÍSTICO EM A HORA DA ESTRELA

SOCIAL AND LINGUISTIC PREJUDICE IN THE HOUR OF THE STAR

Marina Tozzo Barbosa (UNICENTRO/PPGL-UNIOESTE)¹
marini-102@hotmail.com

Maria Cláudia Teixeira (UNICENTRO)²
mteixeira@unicentro.br

RESUMO: Este artigo apresenta uma leitura do filme *A hora da Estrela* (1985) pelo viés do preconceito social e linguístico, conforme discute Bagno (2002) e outros estudiosos que tratam do assunto. O objetivo geral é compreender a partir da caracterização da personagem, como funciona o preconceito social contra o nordestino e a criação de estereótipos para o sujeito desta região. Desta forma, nossa análise recai sobre a personagem Macabéa, protagonista do filme. Metodologicamente, realizamos recortes de falas e cenas do filme a fim de verificar as caracterizações da personagem e isso nos mostrou, entre outras questões, que existe um estereótipo social da cultura dos sujeitos nordestinos que perpassa pelo preconceito linguístico e social.

PALAVRAS-CHAVE: Preconceito social; Preconceito linguístico; *A Hora da Estrela*.

ABSTRACT: This article presents a reading of the film *The Hour of the Star* (1985) by the bias of social and linguistic prejudice, as discussed by Bagno (2002) and other scholars who deal with the subject. The general objective is to understand from the characterization of the character, how social prejudice against the Northeastern er, and the creation of stereotypes for the subject of this region works. In this way, our analysis falls on the character Macabéa, protagonist of the film. Methodologically, we made cutouts of lines and scenes from the film in order to verify the characterizations of the character and this showed us, among other issues, that there is a social stereotype of the culture of northeastern subjects that permeates linguistic and social prejudice.

KEYWORDS: Social prejudice; Linguistic prejudice; Star Hour.

Introdução

Este artigo toma como *corpus* de estudo o filme *A Hora da Estrela* (1985) tendo como fio condutor de análise o preconceito linguístico. Trata-se de um filme brasileiro

¹ Possui graduação em Letras e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Centro Oeste - Pr - UNICENTRO. (2021) e Especialista em Letras e Literaturas pela Faveni (2020), Tecnóloga em Comércio Exterior pela Uninter (2010). Aluna Especial PPGL-UNIOESTE (2021).

² Doutora em Linguística pela Universidade Estadual do Centro Oeste - Pr (UNICENTRO).

com roteiro adaptado do romance homônimo da escritora Clarice Lispector, última produção da autora, publicada em 1977.

Em novembro de 2015 *A Hora da Estrela* entrou na lista dos 100 melhores filmes brasileiros pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema. Diferente do romance, no filme não há a presença do narrador Rodrigo S. M., criado como personagem que narra a história da protagonista Macabéa como se fosse o autor da obra.

O filme foi restaurado pelo centro de pesquisadores do cinema brasileiro com o patrocínio da Petrobrás em projeto incentivado pelo Ministério da Cultura através da lei Rouanet, a partir das suas matrizes originais de som e imagem. O trabalho de restauração foi realizado na Labo Cine entre julho de 2008 e setembro de 2009 pela equipe liderada por Francisco Sérgio Moreira. Obteve a supervisão de Carlos Augusto Brandão e Myrna Silveira Brandão, com a avaliação final do diretor de fotografia e câmara Edgar Moura e sobre direção de Suzana Amaral. A produção original foi considerada como melhor filme pelo Festival de Cinema dos países de Língua Portuguesa – Aveiros em 1988 e pelo Festival dos Festivais de cinema brasileiro de Natal 1992, entregando a Marcélia Cartaxo o prêmio de melhor atriz.

A protagonista do filme é Macabéa, personagem alagoana com 19 anos, órfã de mãe e pai, criada por uma tia religiosa que não soube dar carinho à menina. Ambas deixam o Nordeste e partem para a cidade grande em busca de melhores condições de vida. Já em São Paulo (no romance ela migra para o Rio de Janeiro), mesmo com pouco estudo, Macabéa faz um curso de datilógrafa, profissão que exerce numa empresa de representação de roldanas, onde é discriminada por não se enquadrar nos padrões de beleza de uma secretária.

Após o falecimento da tia, Macabéa vai morar numa pensão dividindo o aluguel do quarto com 3 amigas. Ela tem muitos sonhos, mas vive uma vida sem sentido.

Considerando essas informações preliminares do filme que traz a personagem nordestina como protagonista, pretendemos responder a seguinte questão: “Como a personagem Macabéa é caracterizada no filme *A hora da Estrela* e como essa caracterização influencia e contribui para o preconceito social e linguístico?” Para isso,



elencamos como objetivo geral: Compreender a partir da caracterização da personagem, como funciona o preconceito social contra o nordestino e a criação de estereótipos para o sujeito desta região. Este objetivo se desdobra em: (i) Discutir, com base em Bagno (2002), os modos como o preconceito social contribui para o preconceito linguístico; (ii) Identificar no filme os modos como a personagem é caracterizada; (iii) Compreender como o preconceito está presente nas caracterizações da personagem.

Pressupostos teóricos

O preconceito social e linguístico, no senso comum, acontece quando um indivíduo se acha superior ao outro, julga-se o “dono da verdade”, porque teve o privilégio em aprender a norma culta da língua e vive em grandes centros urbanos. Esse indivíduo acredita que essas condições o fazem mais culto, mais favorecido economicamente, mais inteligente e todos os que se diferem dele são inferiores, ignorantes, atrasados, produzindo, com isso, o preconceito. Ao discriminar alguém se inferiorizado seu modo de falar, a sua linguagem e tenta-se apagar a sua cultura, sua identidade.

O Brasil é um país multilíngue e, portanto, o modo como o indivíduo fala sofre variações decorrentes de diferentes fatores como a região, a faixa etária, a classe social, entre outros, que vão constituindo a cultura, costumes, enfim, a identidade do falante. Contudo, as diferenças não são tomadas como algo que constitui o sujeito, mas como justificativa para a discriminação, para exclusão social, para o preconceito.

Preconceito é uma palavra muito utilizada e de grande circulação social. Diariamente se ouve falar em alguma forma de preconceito seja ele por questões raciais, sexuais, socioeconômicas etc. Em seu livro *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz* (2002), Marcos Bagno nos chama a atenção para um outro tipo de preconceito, que em geral passa despercebido ou é ignorado pela maioria da população brasileira, é o que ele intitula como preconceito linguístico. No primeiro capítulo desta obra, Bagno vai tratar

da “Mitologia do preconceito linguístico”, apresentando oito mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil.

De acordo com Bagno(2002), o mito número 1 é considerado o mais sério de todos os oito, porque implica a negação da variedade linguística pela ilusão de “unidade linguística”, decorrendo daí a ideia de que existe uma maneira “certa” de falar. Segundo o autor, há várias línguas faladas no Brasil além do português como as línguas indígenas, dos imigrantes, dos afros descendentes etc., que dividem o espaço de enunciação brasileiro e interagem com a língua portuguesa.

O mito da “língua única” suscita o preconceito social e linguístico porque a ideia de certo e errado está pautada na norma gramatical aprendida na escola e, como diz o autor, “a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta” (BAGNO, 2002, p. 16). Embora o autor tenha dito isso em 1999 (primeira edição do livro), o cenário é o mesmo, pois o Brasil é o segundo país com pior distribuição de renda do mundo, gerando, assim, uma trágica injustiça social. Para desconstruir esse mito, de acordo com Bagno (2002), as instituições de ensino e cultura precisam reconhecer a diversidade linguística do país. E discussões como a que propomos podem contribuir para essa desconstrução.

No mito número 2, persiste a crença de que o “ Brasileiro não sabe português/só em Portugal se fala bem português”, esse mito reflete “o complexo de inferioridade, o sentimento de sermos até hoje uma colônia dependente de um país mais antigo e civilizado” (BAGNO, 2002, p. 20). Conforme aponta o autor, o povo brasileiro fala muito bem o português, o português brasileiro, com suas especificidades para atender as necessidades linguísticas das comunidades que usam a língua portuguesa do Brasil, enquanto outras especificidades compõem o português que se fala em Portugal. São línguas distintas.

O terceiro mito firma-se na imagem da língua portuguesa como sendo “muito difícil” e esse imaginário, de acordo com Bagno (2002), construiu-se porque o ensino da língua portuguesa sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, dessa forma, nos



expressamos de uma maneira e escrevemos de outra. Para que esse mito seja desconstruído o ensino de língua portuguesa no Brasil deve se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua que se fala em solo brasileiro.

No mito número 4 persiste a visão de que “as pessoas sem instrução falam tudo errado”, conforme o autor, este mito retoma a ideia de “língua única” e de que há certo e errado. A língua “certa” seria a ensinada nas escolas, porque está presente nos livros didáticos, dicionários e baseia-se na gramática normativa. Logo, manifestações linguísticas distanciadas da norma aprendida na escola constituem-se como erro, gerando, segundo Bagno (2002), preconceito contra a fala de determinadas classes sociais e regiões, como é o caso da fala nordestina, ridicularizada em programas de televisão.

No mito número 5 o autor assevera que não existe fundamentação científica que comprove que “o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, pelo fato de não existir nenhuma variedade linguística local, regional, nacional sendo melhor, mais correta, mais pura ou mais bonita que a outra.

No mito número 6, Bagno (2002) considera que sempre há a tendência dos educadores no ensino da língua em dizer que “o certo é dizer assim porque se escreve assim” não fazendo distinção entre as duas modalidades de linguagem, obrigando o aluno a falar como se escreve e não tolerando marcas da oralidade na escrita. Esquece-se de que a modalidade oral da linguagem é muito mais dinâmica e viva enquanto a modalidade escrita é estática e é por isso que as pessoas se expressam de uma maneira e escrevem de outra.

Ao especificar o mito de número 7, o autor nega que “é preciso saber gramática para falar e escrever bem”, pois se isso fosse verdadeiro, como em tempos antigos existiram as obras *A Ilíada* e a *Odisseia*, e como Platão escreveu seus fascinantes diálogos sem nenhum conhecimento da norma culta? E continua afirmando que se fosse assim a grande maioria dos gramáticos seriam os melhores escritores, ou vice-versa, portanto isso não se justifica. Com base em seu raciocínio, a gramática passou a ser um instrumento de poder e controle, com isso surgiu a ideia de que os escritores precisam da gramática.



No último mito, de número 8, Bagno (2002) diz que “o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”, o qual tem relação com o mito número 1 que trata da desigualdade social no Brasil. O autor afirma que de nada adianta o cidadão aprender a norma culta se não tiver seus direitos preservados. Como exemplo o autor cita os professores da rede de ensino, apesar de eles terem domínio da norma culta, não são valorizados, enquanto um fazendeiro, dono de muitas propriedades, porém ignorante, que não domina essa norma culta não é criticado por falar “errado”. Em resumo não é a norma culta que magicamente resolverá os problemas sociais, é preciso haver um reconhecimento da variação linguística.

De acordo com Andrade, Santana e Ribeiro (2002), há duas maneiras de falar. Em certos momentos é necessário fazer uso da língua formal denominada de norma culta. Utilizamos esta modalidade de fala em momentos formais como, por exemplo, apresentações em público, nas instituições de ensino, trabalho etc. Existe também a modalidade da linguagem não formal e fazemos uso desta quando estamos em momentos descontraídos como numa festa com os amigos, em casa etc.

A língua falada sofre variações de região para região, faixa etária de idade e a partir do momento que se julga o próximo dizendo que a forma como ele fala está errado, acontece o preconceito linguístico. Esse preconceito acontece, muitas vezes, quando pessoas julgam que um analfabeto não sabe falar. A língua materna é nata do falante, inclusive até as crianças falam perfeitamente a língua.

A instituição de ensino é a responsável por ensinar a norma culta, mas os professores precisam de um olhar diferente explicando a diferença da gramática e da linguística, para acabar com o preconceito linguístico que é uma violência social.

A linguagem é um fenômeno social, através desta que o ser humano se comunica estabelecendo relações sociais e interpessoais. Através dela que o ser humano adquire conhecimento para expressar suas ideias e defender seu ponto de vista com autonomia.

Silva, Bastiani e Oliveira (2014, p.02) afirmam que “os falantes utilizam a língua das mais variadas formas, de acordo com as exigências do contexto no qual estão inseridos”. Pelo fato de haver várias línguas faladas no Brasil, fica constatado que não

existe uma maneira certa ou errada de falar. A partir do momento que se discrimina a fala do outro, você não está discriminando sua fala e sim seus costumes, sua cultura, e identidade e, com isso promovendo o preconceito social e linguístico.

Análise

Os filmes são produtos culturais inscritos num determinado contexto histórico e social, gerando valor de uma sociedade. Existe um estereótipo enorme em relação aos povos nordestinos quanto a sua fala, seu sotaque, sua maneira de vestir, veiculados em filmes e programas de televisão. De acordo com Bagno (2002), a televisão brasileira mostra o nordestino como sendo o personagem rústico e grotesco, tudo isso pelo fato de o Brasil ser o segundo país do mundo com pior distribuição de renda.

Para se ter uma ideia, de acordo com notícia publicada no *site G1* em 16 de outubro de 2019, “Mulheres, pretos, nordestinos e pessoas sem instrução são os brasileiros com renda mais baixa”³ fatores como a má distribuição de renda geram, conforme Bagno (2002), o preconceito social e linguístico. Com base nos pressupostos de Bagno (2002) é que analisaremos o filme *A Hora da Estrela*.

Este filme é uma obra cinematográfica do ano de 1985, dirigido por Suzana Amaral. Baseado na obra de Clarice Lispector com o mesmo nome, observamos o discurso preconceituoso, presente na fala dos personagens, pelo qual a protagonista, Macabéa, é representada.

Macabéa é uma nordestina semi analfabeta, órfã de pai e mãe. Foi criada pela tia que não lhe proporcionou amor e carinho, após sua morte vai para São Paulo em busca de trabalho. Macabéa representa todas aquelas pessoas que vêm do nordeste brasileiro, tentando escapar da miséria desta região e acabam sofrendo vários tipos de preconceito, principalmente o social, vivendo uma vida difícil, sendo explorados com trabalhos

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/10/16/concentracao-de-renda-volta-a-crescer-no-brasil-em-2018-diz-ibge.ghtml> Acesso em: 30 jul. 2020.

escravos, salários baixos e ainda são tratados como se fossem diferentes dos que sempre viveram nos grandes centros urbanos.

O filme já começa apresentando o dono da fábrica criticando os papéis sujos e escritos com erros entregues pela secretária; e quando o gerente argumenta que foi a nova funcionária Macabéa quem escreveu, ele esnoba do nome dela dizendo “Maca, o que?” E também de suas características físicas, como se não se adequasse aos padrões da empresa. Podemos constatar na filmagem, que Macabéa não tem muito asseio ou cuidado com a higiene pessoal. Logo no início do filme, aos 4 minutos e 18 segundos e aos 5 minutos e 6 segundos a personagem limpa o nariz na gola da blusa.



Figura 1: Filme A Hora da Estrela⁴



Figura 2: Filme a Hora da Estrela

Em outra cena, o patrão, Pereira, chama a atenção de Raimundo, gerente da empresa, para os documentos datilografados, sujos e com erros. Raimundo argumenta a falta de cuidado da funcionária pelo salário baixo oferecido pela empresa.

Pereira, não contente em desqualificar o trabalho da funcionária, ainda afirma que Macabéa “é feia, feíssima, parece um maracujá de gaveta”. Macabéa estava fora dos

⁴ Filme *A Hora da estrela*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MBxAMJvSip0> Acesso em 30 jul. 2020.



padrões estereotipados de secretária, que exigem boa aparência física e elegância e, por isso, rejeitada.

Na cena de início, Pereira, o dono da fábrica ordena ao gerente Raimundo para pedir à Glória fazer o pagamento de um boleto e reclama ao pegar os papéis “que merda é essa, olha que sujeira”! Raimundo argumenta “foi a nova datilógrafa, Macabéa” e Pereira continua: “Maca, o que?”. Raimundo completa, “Ma-ca-bea, Macabéa!”. “O que você quer?” pergunta Raimundo, “foi a única que aceitou por menos de um salário mínimo”. Macabéa escuta a conversa e Pereira ordena para que ela fechasse a porta e ela responde com sua simplicidade “sim senhor”! Pereira continua: “além do mais como ele é feia, hein, rapaz? Feiíssima, parece maracujá de gaveta, onde é que você arrumou isso”?

Considerando os mitos apresentados por Bagno (2002), percebemos a negação da variedade linguística pela ilusão de “unidade linguística”, decorrendo daí a ideia de que existe uma maneira “certa ou errada” de falar e de escrever. O dono da fábrica, neste caso, representa o protetor da norma padrão da língua, corrigindo o que se desvia da norma. É interessante observar que o erro linguístico constatado se expandiu para as características físicas da personagem e até para o seu próprio nome. O “erro” linguístico, dessa forma, aparece associado a critérios não linguísticos que apagam qualquer beleza, suscitando, assim, o preconceito.

É de conhecimento social que o mercado de trabalho, principalmente para a contratação de mulheres, exige “boa aparência”, mulheres bonitas e atraentes para ocuparem a função de secretária. A “boa aparência” exclui tudo o que se desvia do padrão (cor da pele, físico/corpo, estatura, gênero etc.) e também a língua.

O filme é ambientado no centro urbano de São Paulo, no escritório da fábrica de roldanas, onde a protagonista trabalha como datilógrafa. Ela executa seu trabalho em um local precário, recebe um salário miserável, de meio salário mínimo, e mesmo assim ainda recebe o aviso de que será demitida se continuar com os papéis datilografados com erros, sujos, cheios de furoe que no mínimo faça a higiene das mãos. Raimundo ao flagrá-la comendo pão com salsicha ao mesmo tempo em que está digitando argumenta: “Oh Macabéa! Desse jeito não dá! Olha aqui, tudo sujo, cheio de furo, gordura pra todo lado!



Desse jeito nós vamos ter que despedir você! Ela com sua simplicidade responde: “senhor Raimundo, o senhor me desculpa o aborrecimento?” e ele continua “a despedida pode não ser pra já, pode até demorar um pouco, mas, por favor, pelo menos lave as mãos!” E ela responde “sim, senhor”. Vai à frente ao espelho velho e enferrujado e fica se observando, seu rosto triste, pálido, como se não existisse, passa a mão no rosto e em volta dos olhos.

De acordo com Bagno (2002), o Brasil é o segundo país do mundo em pior distribuição de renda, ocasionando grande desigualdade social. As regiões nordeste e norte do Brasil são as mais afetadas por essa distribuição de renda desigual, por isso são as regiões brasileiras mais pobres, vítimas da desigualdade social. Os nordestinos, em busca de melhores condições de vida, ao migrarem para os grandes centros urbanos sofrem pela carência do que se põe como básico para a sobrevivência, como comida e moradia. Para garantir as necessidades básicas são explorados no trabalho, tratados com diferença em relação aos outros pertencentes ao lugar. Por não receber um salário justo são obrigados a morar em pensões baratas, dividindo o quarto com outras pessoas, outros vão para as favelas e até para a rua.

Muitos migrantes nordestinos, assim como outros migrantes nos centros urbanos, encontram no trabalho ambulante a solução para superar os obstáculos que lhes são impostos, vão para as ruas trabalhar como vendedor. Neste trabalho são discriminados pela sociedade pelo fato de ter sotaque diferente, gerando assim um estranhamento, o preconceito, não raro são rotulados como “burros”, que não sabem nem falar, desse modo surgem às críticas e agressões verbais. Logo, em consonância com Bagno (2002), podemos afirmar que o preconceito social influencia no preconceito linguístico e vice-versa. Conforme o autor, existe uma discriminação de determinados grupos pelo uso da língua, principalmente contra o povo nordestino diante da sua maneira de falar causadas pelas diferenças regionais e classe social. A televisão brasileira mostra o nordestino como um povo grotesco. Para desconstruir esse preconceito é preciso que haja o reconhecimento da variação linguística.



De todas as necessidades básicas de sobrevivência, a fisiológica (água, comida e saúde) é (deveria ser) a que mais se valoriza, pois o não alcance dessas necessidades gera a fome. A fome impede exigências e enfrentamentos, fazendo com que os sujeitos se tornem submissos ao sistema que lhes é imposto, suportando o preconceito, que é também um tipo de violência. Na caracterização da protagonista, Macabéa, observamos a ingenuidade a representação física magra, detectados na filmagem aos 20 minutos e treze segundos, característica física magra da personagem pode ser associada à má alimentação, conforme a película, Macabéa alimenta-se diariamente de cachorro quente com coca-cola que, segundo ela, é mais barato do que outro tipo de refeição, “mas o que ela gosta é de goiabada com queijo”. Conforme Bagno (2002), devido ao fato de o Brasil ser o segundo país do mundo em pior distribuição de renda, acaba gerando essa situação trágica de miséria.

O que vemos por fora, a caracterização do ser humano, nada mais é do que o reflexo que vem do interior, seu psicológico. Macabéa tem um olhar triste, cabisbaixo, não apresenta nenhuma vaidade com sua aparência. Ela tem os cabelos crespos e curtos acima dos ombros, repartido ao meio com uma presilha. Vive uma vida sem sentido e pede desculpa sem motivos por tudo o que os outros falam.

A moça tem uma doutrina de obediência desde criança ao ser criada pela tia que a maltratava. Devido a isso ela sempre aceitou o que os outros lhe diziam sem ter autonomia de questionar ou se defender de nada. Ela sempre se sente inferior aos outros, não reclama de nada, ela própria diz que acha não ser “muita gente”, é como se o seu dia existisse, porém sem ser vivido. Como a grande maioria das mulheres, ela sonha em se casar, detectamos na filmagem de trinta e dois minutos e sete segundos, que ela amarra um lençol sobre a cabeça em frente ao espelho, simulando um véu de noiva, dizendo ser datilógrafa, virgem e que gosta de coca-cola. Em outra cena, na filmagem de trinta e três minutos e dezesseis segundos, ela vê uma noiva na vitrine de uma loja e imagina-se segurando o buquê da noiva.



Figura 3 Filme a Hora da Estrela



Figura 4 Filme a Hora da Estrela

Macabéa arruma um namorado ambicioso e antipático chamado Olímpico de Jesus. Ele é seu conterrâneo da Paraíba, órfão de pai e mãe, porém um preconceituoso e este é o pior causador de negatividades em sua vida, sempre a criticando e fazendo descaso da moça. Ele é um personagem muito indelicado, sonha em ficar rico, muito rico, almeja ser deputado. Ele diz que vai ser deputado e ela pergunta: deputado trabalha de que? Ele responde que deputado trabalha de deputado sem ao menos saber o que um deputado faz, fala para moça que deputado “tem tudo, tem carro, tem banda de música, tem chofer, deputado tem dinheiro até pra dar para os outros, deputado é doutor”. E quando ele ficar rico argumenta que vai colocar todos os dentes de ouro, se achando o inteligente, porém não passa de um grande ignorante, ambicioso e faz o seu discurso:

Quando eu for eleito, o deputado Olímpico de Jesus Moreira Chaves vai acabar com todos os problemas dessa terra, de João Pessoa até Cajazeiras, de Cajazeiras até Brasília, tudo vai mudar com doutor Olímpico Deputado. Deputado Geraldo Brasil, você Cassiana, minha irmã que mora no meu coração, você vai ter sua casa com água encanada, porque o nosso problema não é água, o nosso problema não é chuva, o nosso problema não é nuvem, não falta nuvem no nordeste meus amigos, falta é homem (Transcrição realizada a partir do filme aos quarenta e nove minutos e três segundos).

Interessante notar que seu discurso, igualmente ao de todos os candidatos, promete que vai resolver a questão do saneamento básico no país, porém conclui sua fala dizendo que o que falta no Nordeste é homem. Podemos entender que o homem que ele menciona faltar no Nordeste seja homens corajosos, ambiciosos, como ele se julga ser.

Em outro momento Olímpico diz para namorada que tudo que ela fala não tem resposta, e pergunta: “você não pensa no futuro, você não tem vontade de nada?” Ela toda entusiasmada responde que quer ser “artista de cinema”. Ele, novamente com uma grande gargalhada responde “você não se enxerga, não é?” E continua afirmando “você não tem corpo, não tem cara, não tem é nada pra ser artista de cinema, menina”! Ao mesmo tempo em que diz isso passa a mão pelo rosto dela, num gesto irônico para se certificar de que ela não estava febril, doente.



Figura 5 Filme A Hora da Estrela

É interessante notar o preconceito por parte do próprio namorado, também migrante nordestino, discrimina-a por estar fora dos padrões de beleza, pois, segundo ele, para ser artista de cinema precisa ter corpo e rosto bonitos e a namorada é feia. Ele acha que ele pode ser o que ele quer, porém não assume sua ignorância, e a despreza se sentindo superior, enquanto ela não pode ter sonhos.

Ele trabalha em uma metalúrgica como operário, mas diz ser metalúrgico. Acha-se muito bonito e inteligente, vemos esse comportamento de superioridade em seus diálogos com a namorada ao demonstrar muita falta de paciência quando esta lhe faz alguma pergunta sobre qualquer assunto ou palavra sobre a qual ela tem curiosidade em saber. Ela pergunta: “O que quer dizer cultura, hein?” Ele também ignorante, se fazendo de inteligente responde: “cultura é cultura!” Macabéa pergunta novamente: “o que quer

dizer usuário?” O rapaz já ao extremo de irritado responde: “você vive me encostando-se à parede, me apertando, me arrojando!”. Na realidade ele sem saber a resposta a despreza e não aceita que também desconhece os significados.

Macabéa tem uma amiga no trabalho que se chama Glória. Esta é uma personagem que se apresenta como oposto dela. Esperta, muito experiente com as situações da vida, porém, também é uma sonhadora iludida em se casar. Discrimina a colega “que cara é essa, oh cabeça chata, baiana, não tem cara não”? Há um preconceito muito grande quanto aos povos nordestinos quanto as suas características físicas, desprezados por terem nascidos em outra região do Brasil.

Na filmagem de 1 hora e dois minutos, a personagem Macabéa leva uma bofetada no rosto e cai no chão, sem motivo algum, somente pelo fato de cantarolar uma música e, mesmo assim, ela não tem atitude de defesa. Macabéa representa todas aquelas mulheres do país que são discriminadas pelo gênero.



Figura 6: Filme A Hora da Estrela

Macabéa muito triste por perder o namorado, toma aspirina o tempo todo para acalantar sua dor existencial, ela pede “me dá uma aspirina!” vive a vida sem sentido no qual ela mesma diz não saber se ela existe. Como se ela mesma tivesse dúvidas da sua própria existência perguntando: “Será que eu sou eu?” Logo foi instruída pela amiga e companheira de trabalho, Glória, para ir em uma cartomante dizendo para ela pagar uma consulta e que esta resolveria sua vida.

A única personagem do filme que trata Macabéa com carinho é uma vidente, porém, com palavras mentirosas, afinal ela acredita em tudo o que os outros dizem. A

cartomante ao vê-la começa a tratá-la com muito carinho expressando palavras adjetivas no diminutivo “queridinha, coisinha, florzinha!” Fala dos acontecimentos do passado da jovem e faz uma premonição do momento presente dizendo “você vai perder o emprego e já perdeu o namorado, pobrezinha Macabéa, coitadinha, ah coitadinha!” e ainda diz que ela vai encontrar um gringo lindo e rico que vai lhe proporcionar muito amor com o qual vai se casar e a jovem fica encantada e acredita que a previsão acontecerá.

Na última cena da filmagem de 1 hora e trinta e três minutos Macabéa, ao atravessar o semáforo, é atropelada por um carro, mostrando o símbolo da estrela como figura de linguagem, *A Hora da Estrela* é quando ela morre e no momento da iluminação, ela toma consciência da sua existência.



Figura 7: Filme *A Hora da Estrela*

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar no filme *A hora da Estrela*, como o preconceito linguístico e social está presente nas caracterizações tanto física como também psicológica da personagem protagonista. A análise nos permitiu mostrar que as regiões mais desenvolvidas do Brasil como, por exemplo, o sudeste, se significam superior e discriminam os povos da região nordeste pelo seu sotaque, características físicas, maneira de se vestir. Existe um estereótipo social enorme quanto a cultura dos sujeitos nordestinos. Este trabalho é fundamentado de acordo com a teoria de Bagno (2002) no qual afirma que existe um preconceito social e linguístico contra os povos da região



nordeste devido ao fato desta região do Brasil ser muito pobre, fato que acontece devido à má distribuição de renda resultando em desigualdade social no país, o que gera o preconceito.

Referências

A HORA DA ESTRELA. Direção de Suzana Amaral. Brasília 1985: Labo Cine, 2008-2009. 1 DVD (138 min.). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MBxAMJvSip0>.

ANDRADE, K, S, A; SANTANA, I, M.;RIBEIRO, J, S. **O Preconceito linguístico: discriminação social ou linguística?** Disponível em: http://educonse.com.br/2012/eixo_02/PDF/10.pdf Acesso em: 23 set. 2020.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico o que é, como se faz.**15.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

SILVA, Camila R.; BASTIANI, Carla.;OLIVEIRA, Luiz, R, P, F, O. Análise do preconceito linguístico como violência simbólica: o ensino da gramática normativa e o silenciamento do sujeito no contexto escolar. **Entreletras**, v. 5 n. 2, 2014. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/1322> Acesso em: 23 set. 2020.

Recebido em: 09/08/2021 | Aprovado em: 23/09/2021.
